

SOCIALIZATION, CONTROL AND IDEOLOGY IN WALDEN II, BY B. F. SKINNER: HUMAN DEVELOPMENT, MAXIMIZATION OF SATISFACTION AND HAPPINESS UNDER THE DOMAIN OF OPERANT CONDITIONING



SOCIALIZAÇÃO, CONTROLE E IDEOLOGIA EM WALDEN II, DE B. F. SKINNER: DESENVOLVIMENTO HUMANO, MAXIMIZAÇÃO DA SATISFAÇÃO E FELICIDADE SOB O DOMÍNIO DO CONDICIONAMENTO OPERANTE

GIGANTE, Priscila Cristina da Silva; PIMENTA, Christiane Navarra Frogeri; RIBEIRO, Denise Costa; TEODORO, Gleiciane; SOUSA, Vanessa de; CÂMARA, Victor Mayer dos Santos; BUENO, Flaviana Neias; REZECK, Fabio

 Priscila Cristina da Silva Gigante, UNIFENAS, Brasil

 Christiane Navarra Frogeri Pimenta, UNIFENAS, Brasil

 Denise Costa Ribeiro, UNIFENAS, Brasil

 Gleiciane Teodoro, UNIFENAS, Brasil

 Vanessa de Sousa, UNIFENAS, Brasil

 Victor Mayer dos Santos Câmara, UNIFENAS, Brasil

 Flaviana Neias Bueno, UNIFENAS, Brasil

 Fabio Rezek, UNIFENAS, Brasil

ABSTRACT: This article aims to investigate aspects of the socialization process in the utopian village created by Burrhus Frederic Skinner, in the work *Walden II*, and establish some relationships between this process and the composition of a new family arrangement driven by the community's supportive sociability structure. However, the intercourse of this innovative society project presents as a basic element of the production, maintenance or change of social reality – continually subjected to experimental intervention – control over human behavior. This reveals the ideological facet of its creator's seductive and coherent discourse, which, ultimately, corroborates the asymmetry of relationships circumscribed by dynamics of power, domination and legitimation.

KEYWORDS: socialization; control; ideology; behavior; operant conditioning.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo investigar aspectos do processo de socialização na aldeia utópica elaborada por Burrhus Frederic Skinner, na obra *Walden II*, e estabelecer algumas relações entre este processo e a composição de um novo arranjo familiar impulsionada pela estrutura de sociabilidade solidária da comunidade. No entanto, o intercurso deste projeto de sociedade inovador apresenta como elemento básico da produção, manutenção ou mudança da realidade social – continuamente submetida à intervenção experimental – o *controle sobre o comportamento humano*. Isto revela a faceta ideológica do discurso sedutor e coerente de seu idealizador, que, em última análise, corrobora a assimetria de relações circunscritas por dinâmicas de poder, dominação e legitimação.

PALAVRAS-CHAVE: socialização; controle; ideologia; comportamento; condicionamento operante.

Revista Científica da UNIFENAS
Universidade Professor Edson Antônio Velano, Brasil
ISSN: 2596-3481
Publicação: Mensal
vol. 6, nº. 2, 2024
revista@unifenas.br

Recebido: 13/03/2024
Aceito: 14/03/2024
Publicado: 18/03/2024

URL: <https://revistas.unifenas.br/index.php/revistaunifenas/issue/view/48>

DOI: [10.29327/2385054.6.2-5](https://doi.org/10.29327/2385054.6.2-5)

1 INTRODUÇÃO: A aldeia

Walden II é uma comunidade utópica idealizada por Burrhus Frederic Skinner em obra literária homônima que segue os moldes de uma novela. Sem apelos a uma história de ação, aventura e episódios sensacionais, o autor apresenta, tomando Frazier, um de seus personagens, como porta-voz, seu modelo de sociedade ideal fundamentada nas concepções de sua psicologia comportamental.

Diferentemente de outra obra utópica denominada *Walden*, de Henry David Thoreau, na qual seu autor pensava uma *Walden para um*, Skinner elabora uma *Walden para dois* (ou mais indivíduos), buscando transpor o individualismo que restringiria a solução de problemas sociais. Acrescentou a alguns princípios presentes na obra de Thoreau (1. nenhum modo de vida é inevitável; 2. devemos mudá-lo se não gostamos dele; 3. não tentemos, porém, mudá-lo através da ação política; 4. obter a paz para resolver os próprios problemas é suficiente; 5. nossas necessidades devem ser simplificadas e a felicidade deve ser dissociada do acúmulo de posses), os seus próprios:

6. Construa um modo de vida no qual as pessoas vivam juntas sem brigar, num clima social de confiança ao invés de suspeita, de amor ao invés de ciúme, de cooperação ao invés de competição.

7. Mantenha esse mundo com sanções éticas brandas, mas efetivas, ao invés de política ou força militar.

8. Transmita a cultura eficazmente aos novos membros através de cuidados especializados às crianças e de uma tecnologia educacional poderosa.

9. Reduza o trabalho compulsivo ao mínimo, dispondo os tipos de incentivo sob os quais as pessoas apreciam trabalhar.

10. Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente¹(p.1-2).

A história narrada em *Walden II* ao contrário das utopias conhecidas, não ocorre num lugar fora do tempo e do espaço, ela se passa na década de 1940, numa região dos Estados Unidos, e considera o contexto concreto no qual está inserida, dialogando muitas vezes com as relações extrínsecas à comunidade.

Através de uma organização racional da vida social constantemente submetida à experimentação¹, que abrange de modo bastante peculiar o conjunto das atividades ordinárias da vida cotidiana (como o serviço das refeições), empregando tecnologias do trabalho voltadas a

otimização do tempo e dos resultados, o projeto de *Walden II* tem por objetivo alcançar um alto grau de desenvolvimento humano por meio da reestruturação da cultura e do próprio homem, segundo condições de igualdade, satisfação e felicidade entre os membros.

Walden II é governada por uma Junta de Planejadores, seis ao todo (três homens e três mulheres), cujo mandato pode durar até dez anos (não mais que isso), ao término do qual retornam à condição de cidadão comum. Não são eleitos e sim escolhidos por sua competência gestorial e decisória nos diversos assuntos e necessidades da comunidade. Eles são auxiliados por um grupo de administradores, especialistas em diversos setores. Cabe aos indivíduos levar suas reivindicações e discordâncias diretamente a estes dois grupos dirigentes, sem mobilização coletiva de qualquer natureza. Esta regra, como todas as demais formas normativas de conduta estão expostas no *Código Walden*, cuja adesão é imprescindível para que o indivíduo seja aceito na comunidade.

Não há dinheiro em *Walden II*, os membros são remunerados na forma de créditos-trabalho e contribuem cada um com um montante anual de 1200 créditos-trabalho, sendo que as ocupações menos atraentes são compensadas por uma melhor retribuição e, de modo geral, os valores são regulados constantemente para garantir que todas as atividades laborais sejam igualmente desejáveis e escolhidas, promovendo um equilíbrio entre as necessidades produtivas do grupo e a satisfação dos seus membros. Todo excesso de trabalho é evitado, de modo que cada um precise contribuir com apenas poucas horas de trabalho por dia (em torno de quatro horas), tomando as demais para usufruto próprio.

O lugar ocupado pelo o trabalho em *Walden II* é um dos elementos de destaque, que, no entanto, não será explorado aqui. Vale notar, todavia, que os habitantes da aldeia dedicam ao trabalho dito “produtivo” um número mínimo de horas, ficando as demais disponíveis ao descanso e ao ócio criativo. Nas palavras de Frazier:

O que exigimos é que o trabalho de um homem não comprometa sua vitalidade ou ameace sua felicidade. Nossas energias podem, então, voltar-se para a arte, ciência, jogos, o exercício de habilidades, satisfação de curiosidades, a conquista da natureza, a conquista do homem – a conquista de si mesmo, nunca a de outros homens. Criamos o lazer sem escravidão, uma sociedade que nunca explora nem faz a guerra¹(p.78).

Não devemos confundir o projeto que estrutura este modelo de sociedade com quaisquer ideais socialistas, anarquistas ou afins, pois ele não compartilha dos mesmos, por sustentar uma oposição radical às transformações politicamente promovidas, as quais, segundo Frazier, acabam por utilizar o culto a heróis e a propaganda como veículos de manutenção do poder que, além disso, concentra-se nas mãos de poucos.

Os habitantes de *Walden II*, uma população estimada em aproximadamente mil habitantes, vivem com simplicidade e

poucas posses materiais, pois evitam as posses desnecessárias. No entanto, têm satisfeitas suas necessidades mais básicas e, portanto, fundamentais.

A disposição arquitetônica da aldeia reserva como espaço privado do indivíduo o quarto pessoal – que, no entanto, é compartilhado entre um pequeno número de crianças durante a infância e a adolescência ou pelo casal enquanto o desejarem, pois na maioria das vezes, os casais preferem viver cada um em seu próprio quarto depois do período inicial do casamento, segundo eles, isso fortaleceria os laços. As salas de eventos, de estudos, de refeições, a biblioteca, as áreas de lazer ao ar livre, como os jardins, são todos espaços coletivos assinalando o caráter notadamente público da vida social em *Walden*.

As opções culturais de lazer são muito diversificadas, tanto quanto as possibilidades de interesse e desenvolvimento pessoal em cada uma das áreas contempladas por elas. Pode-se escolher, por exemplo, um concerto, a exibição de um filme, a leitura de textos, a pintura e a escultura, o cuidado dos jardins, entre tantas outras atividades. Embora os pais possam ensinar às crianças questões e valores religiosos, não há uma religião em *Walden II*, eles parecem cultivar de forma latente, com uma disposição subjetiva semelhante à religiosa, principalmente nas reuniões dominicais, a própria sociedade e seu código de conduta, este sim representativo de um compromisso “religioso”.

Walden II é uma sociedade planejada segundo um audacioso projeto experimental marcado pela busca de controle e previsibilidade sobre o comportamento. Nesse sentido, todas as decisões, procedimentos, empreendimentos e arranjos sociais, inclusive as regras que compõem o *Código* e governam a vida dos associados, são assentados em resultados experimentais e podem mudar de acordo com eles. Todavia, na esteira da igualdade, da maximização da satisfação e desenvolvimento humano de seus membros, repousa um projeto autoritário e perigoso, cujo lastro de legitimação está posto no manejo das variáveis das quais o comportamento é função por meio da administração do reforçamento positivo.

2 OS FUNDAMENTOS BÁSICOS DE *WALDEN II* COMO SOCIEDADE PLANEJADA E O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

A psicologia como ciência experimental do comportamento, que no livro é frequentemente mencionada nos termos de uma engenharia comportamental, constitui a referência teórica e metodológica dos fundamentos básicos do modelo ideal de *Walden*.

Um ambiente fornece determinados estímulos capazes de eliciar respostas provenientes do conjunto de reflexos inatos com os quais nascemos – fechamos os olhos para nos proteger da luz intensa; mediante a constatação de perigo o organismo se prepara por meio de ações reflexas para a luta ou para a fuga; salivamos na medida em que nosso paladar entra em contato com substâncias ácidas, por exemplo. A maior parte dos comportamentos ou respostas comportamentais humanas, entretanto, não são eliciadas e sim emitidas. Isso significa que não se apresentam de forma pronta ou completa no organismo, mas não aprendidas (condicionadas) com relação às conseqüências do comportamento sobre o organismo (lei do efeito). Tais conseqüências podem atuar sobre determinados respostas ou classe de respostas operantes (os comportamentos assim definidos operam sobre o meio) aumentando ou diminuindo a probabilidade de que ocorram novamente, alterando também a frequência das mesmas. Um estímulo é, assim, a ocasião na qual uma resposta é seguida de reforço. Um operante, por sua vez, não surge totalmente desenvolvido no comportamento do organismo, resultando em um processo contínuo de modelagem, ou seja, de aproximações sucessivas. Assim, um comportamento pode ser modelado tal qual um escultor modela a argila². Para Skinner^{2,3}, a cultura é entendida como o meio ambiente social e os organismos que participam do fenômeno social liberam estímulos constantemente, sendo impossível escapar à sua estimulação.

Aplicando a teoria do reforço, Skinner assinala que certas conseqüências reforçam determinados comportamentos operantes, condicionando-os, ou seja, colocando-os sob o controle especial dos estímulos que antecederam a resposta reforçada. Nesse sentido, *Walden II* seria uma espécie de grande “laboratório ao ar livre”, no qual se processa o condicionamento operante de determinados comportamentos desejados por meio de sua modelagem e controle, os quais são viabilizados pelo manejo adequado de variáveis das quais o comportamento é função e pelo fornecimento de reforço positivo que visa aumentar a probabilidade de um comportamento ocorrer novamente.

Além disso, o reforço positivo (conseqüência agradável do comportamento sobre o organismo) tem a potencialidade de exercer controle sobre o comportamento sem provocar os efeitos provisórios da punição, a qual, além de não extinguir respostas indesejáveis, deixa no organismo uma série de subprodutos que comprometem o seu desenvolvimentoⁱⁱ. O controle através do reforçamento positivo não se faz pelo uso ou ameaça do uso da força, evitando oposições e insurgências contra ele, o que deixaria uma margem para a sensação de liberdade nos indivíduos, pois a ausência da força repressora e punitiva é percebida como ausência de controle.

O *Código Walden* é o instrumento normativo máximo da aldeia e todo processo de socialização toma seus princípios e regras como diretrizes e bases fundamentais, as mesmas se mantêm em vigor enquanto novas análises experimentais não indicarem a necessidade de mudança.

Ao falarmos em socialização temos em mente que “o

indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e *torna-se* membro da sociedade”⁴ (p.173 - grifos nossos), na medida em que interioriza a realidade objetiva do mundo social enquanto realidade dotada de sentido subjetivo, ou seja, ela se torna subjetivamente significativa para ele. Então:

Somente depois de ter realizado este grau de interiorização é o que o indivíduo se torna membro da sociedade. O processo ontogenético pelo qual isto se realiza é a socialização, que pode assim ser definida como ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela. A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade⁴(p.175)

Os mediadores da socialização primária (pais ou quaisquer outros indivíduos que desempenhem a função destes) fornecem a estrutura de plausibilidade, os aparelhos de conversa e legitimação necessários à formação e conservação da realidade subjetiva da criança que assume como seu o mundo dos pais, devido à sua inevitabilidade. Este passa a constituir “o mundo” da criança, o único possível, caracterizando-se maciça e indubitavelmente como real. O mundo dos pais, entretanto, corresponde a uma parte específica do mundo social objetivo, sendo caracterizado pela localização dos pais na estrutura social, o que tem consequências para sua participação na divisão social do trabalho e na distribuição social do conhecimento. De acordo com os autores, há sempre mais conhecimento disponível na realidade objetiva do mundo social do que aqueles interiorizados, o que implica no caráter sempre constante e incompleto da socialização no seu sentido geral.

As experiências da socialização primária são fortemente carregadas de emoção e afeto e produzem um processo de profunda identificação da criança em relação aos pais ou responsáveis, os quais se constituem como seus *outros significativos*. Exatamente por serem carregados de emoção, os conteúdos da realidade subjetiva, interiorizada nesse processo, gozam de alta estabilidade e são menos suscetíveis de deslocamento ou desmantelamento. A identificação é nesta etapa necessária para que o indivíduo possa desenvolver a consciência da sociedade como *outro generalizado* e, então, identificar-se também com ela.

A consciência do *outro generalizado*, desenvolvida pela abstração progressiva dos papéis e atitudes dos outros significativos concretos, fomenta a identificação do indivíduo com a sociedade, ou seja, com o mundo social objetivo interiorizado, o que estabelece uma relação simétrica entre realidade objetiva e realidade subjetiva.

Voltando a *Walden II*, o seio familiar não constitui o *locus* de socialização primária da criança. Desde a infância os membros naturais da aldeia são criados e socializados em grupo e em espaços específicos, como o berçário, ou comuns, como os diversos ambientes sociais da aldeia, os quais desempenham funções decisivas na formação educacional da criança. Embora os pais e familiares consanguíneos façam parte de sua educação, não se constituem como agentes privilegiados da mesma, e, ao participarem dela não dedicam qualquer tipo de atenção exclusiva aos filhos biológicos, mas a um conjunto de crianças, instaurando uma espécie de parentalidade solidária ou compartilhada. Se pai, mãe ou avós presenteiam ou levam suas crianças para um passeio, afetos e atitudes idênticas devem ser dedicados aos amiguinhos próximos a elas, de tal modo que cada criança se sinta cuidada e amada por muitos pais e mães, inclusive aquelas que eventualmente não conheçam sua ascendência. Assim, todas as crianças devem ser tratadas como filhos.

Ao nascerem, os bebês são acomodados no berçário, onde recebem cuidados especializados e visitas parentais regulares – alguns pais, entretanto, trabalham no local. Lá permanecem durante todo o primeiro ano de vida. A temperatura, a umidade, a qualidade do ar, o som, a luminosidade e o asseio do ambiente, um verdadeiro berço programado, são rigorosamente controlados de modo a oferecer à criança o máximo de acolhimento e satisfação, dispensando o uso de roupas, fraldas e cobertores. Nesta etapa, quaisquer experiências de frustração e medo são cuidadosamente evitadas, em razão da criança não possuir maturação e, ainda, não ter aprendido um repertório comportamental eficaz para lidar com elas. A passagem abaixo ilustra bem estes aspectos:

— Quando um bebê sai de nosso Berçário Inferior – Frazier interrompeu – desconhece totalmente a frustração, a ansiedade e o medo. Nunca chora, exceto quando está doente, o que ocorre raramente, e sente um vivo interesse por tudo.

— Mas ele é preparado para a vida? disse Castle. Certamente vocês não podem continuar evitando indefinidamente todas as frustrações e situações que trazem medo.

— Evidentemente, não. Mas pode-se prepará-lo para isso. Podemos criar tolerância para a frustração introduzindo dificuldades gradualmente, conforme a criança cresce e se torna bastante resistente para suportá-las¹ (p. 100).

A preparação mencionada por Frazier corresponde ao refinado desenvolvimento do *autocontrole*, componente básico da estrutura psíquica dos membros daquela

sociedade. Nesse sentido, observemos a exposição de Frazier:

Tem-se modelado o comportamento do indivíduo de acordo com os padrões de “boa conduta”, e nunca como resultado de um estudo experimental. (...) Ao invés disso, tem-se que estabelecer certos processos comportamentais que levarão o indivíduo a moldar seu próprio “bom” comportamento no momento propício. A isso chamamos “autocontrole”. Mas não confundam. O controle sempre repousa nas mãos da sociedade, em última análise¹ (p. 107-108).

Mais adiante, ele explica como isso é aplicado por meio da técnica das aproximações sucessivas do comportamento desejado (modelagem):

(...) nós acompanhamos cada criança cuidadosamente. Se ela não incorporou as técnicas necessárias, nós voltamos um pouco atrás no processo. (...) Estabelecemos um sistema de aborrecimentos e frustrações gradualmente crescentes contra um fundo de completa serenidade. Um ambiente fácil é dificultado aos poucos na medida em que as crianças adquirem a capacidade de ajustamento. (...) Nunca administramos algo de desagradável [punição], na esperança de reprimir ou eliminar um comportamento indesejável¹ (p. 112, 113 e 115, colchetes nossos).

Na prática, o controle das variáveis ambientais e as aproximações sucessivas implicadas no condicionamento operante ocorrem em processos de aprendizagem que envolvem experiências do tipo: um grupo de crianças que chega faminto em casa, depois de um longo dia de passeio, espera encontrar um jantar. Uma lição de *autocontrole* é atribuída a elas: ficar por cinco minutos perante uma terrina de sopa. Numa primeira etapa, basta este procedimento. Algumas crianças vão começar a cantar ou contar piadas, buscando uma boa maneira de passar o tempo, evitando, com isso, a infelicidade. Num estágio posterior, são-lhes proibidos todos os tipos de expedientes sociais - deverão ficar em silêncio durante todo o tempo, valendo-se cada uma de seus próprios recursos. Um estágio mais avançado prevê que as crianças, passado este intervalo em silêncio, realizem um sorteio de “cara ou coroa” e apenas as contempladas pelo jogo sentam e comem imediatamente. As outras aguardam por mais cinco minutos até que possam igualmente fazer suas refeições.

Frazier atribui a este processo a aquisição da capacidade de superar pequenas emoções

correntes em momentos de desespero, possibilitando o aumento da eficiência no trabalho, o alcance de novos horizontes e a obtenção de relações sociais proveitosas, além de satisfação e prazer significativamente intensos.

Como vimos, em *Walden II*, as figuras da mãe e do pai biológico não ocupam o lugar privilegiado de *outros significativos* para a criança. A sociedade aparece investida em cada um de seus membros e todos os indivíduos envolvidos com os cuidados e a educação das crianças revelam-se como fração de uma totalidade social cujos princípios gerais valorativos e normativos dinamizam-se e materializam-se através das práticas (interações e atividades) e das formas simbólicas.

As crianças mais velhas, cujos comportamentos são imitados, também ocupam este lugar de *outros significativos*:

As crianças passavam suavemente de um grupo de idade para outro, seguindo um processo natural de crescimento e evitando as mudanças abruptas do sistema lar-escola. A coisa era feita de tal maneira que cada criança imitava as crianças ligeiramente mais velhas, criando, portanto, motivos e padrões para grande parte de sua educação inicial, sem auxílio do adulto.

O controle do ambiente físico e social, que Frazier tinha construído em parte, era progressivamente relaxado – ou, para ser mais exato, o controle era transferido das autoridades para a própria criança e para outros membros de seu grupo¹ (p. 119).

No processo de socialização em *Walden II*, os mediadores do indivíduo com o mundo social objetivo na primeira infância, responsáveis por sua constituição enquanto membro de uma sociedade através da participação na dialética composta, simultaneamente, pelos momentos de exteriorização – objetivação – interiorização, denominados por *outros significativos*, extrapolam a família nuclear e carregam de modo categórico algo irredutível do todo social enquanto agente reprodutor empossado do modelo ideal daquela sociedade. As experiências emocionais profundas constitutivas da socialização primária se distribuem numa rede expandida de relações sociais afetivamente vivenciadas que não se diferenciam em elevado grau da rede que compõe a socialização secundária, e, por isso, parece não colocar de forma categórica o problema da coerência entre os dois momentos socializadores, haja vista que todas essas experiências comportam o modelo *Walden* de ser, sentir, pensar e agir.

A socialização secundária, por sua vez, é marcada pela passagem à prática das refeições juntos aos membros adultos da sociedade e pelo ingresso em “submundos” da realidade social objetiva nos termos de uma formação profissional que pressupõe a distribuição social de conhecimentos específicos articulados à divisão social do trabalho.

O processo educacional na aldeia não ocorre por meio da transmissão de conteúdos prontos a serem estudados e aprendidos e as salas de aula são substituídas por

laboratórios, estúdios, salas de leitura e oficinas. Os métodos ou caminhos para se chegar ao conhecimento é que são ensinados, ou seja, a criança aprende com seus professores a construir seu próprio conhecimento, servindo-se da aldeia e de seus diversos setores como laboratórios de aprendizagem somados ao material bibliográfico disponível.

Nós não exigimos que todas as nossas crianças desenvolvam as mesmas habilidades ou capacidades. (...) Uma vez que nossas crianças estejam felizes, cheias de energia e curiosas, não precisamos ensinar nenhuma “matéria”. Ensinamos somente as técnicas de aprender e pensar. Assim, para Geografia, Literatura, Ciências – damos às nossas crianças oportunidade e orientação e elas aprendem por si mesmas. A educação em Walden II é parte da vida da comunidade. Nós não precisamos alardear as experiências da vida. Nossas crianças começam a trabalhar com tenra idade. Isso não é duro; é aceito tão prontamente como um esporte ou uma brincadeira. E uma parte de nossa educação se faz em oficina, laboratório e campos. Faz parte do Código de Walden II encorajar as crianças em todas as artes e ofícios. Temos prazer em passar o tempo a instruí-las, pois sabemos que é importante para o futuro de Walden II e para nossa própria segurança¹ (p. 123).

Além disso, os indivíduos não são submetidos a provas e podem seguir suas próprias curiosidades e escolhas profissionais em acordo com seu ritmo pessoal. O que os mantém aplicados e motivados para novas etapas de aprendizagem é o próprio domínio dos conhecimentos alcançados e seus interesses cognoscitivos em aprofundá-los ou diversificá-los.

Mas a *Walden II* retratada no livro é uma experiência de aproximadamente uma década e a maioria dos seus membros não nasceram nem tiveram sua socialização primária realizada no contexto daquela realidade social objetiva. Como foi possível, então, que se identificassem subjetivamente com ela, atribuindo-lhe maciça realidade e assumindo seus valores (ausência de competição, de desigualdade, de ciúme, de inveja e cultivo do sentimento de gratidão jamais expresso a um membro individual da sociedade, e, sim, a todos, indistintamente, não por palavras, mas pela disponibilidade em ajudá-los), os quais são radicalmente diversos do mundo ao redor?

O ingresso em *Walden II* na idade adulta, que implica na aceitação do *Código Walden*, requer um processo semelhante ao da socialização primária em termos de carga emocional e identificação fortemente afetiva com o pessoal

socializante, que passa a ocupar o papel de *outros significativos*. Esse processo, conceituado pelos autores Berger e Luckmann⁴ como *alternância*, implica numa *ressocialização* do indivíduo por meio da qual a nova realidade objetiva do mundo social é interiorizada, constituindo-se para ele como realidade subjetiva. A *ressocialização* fomenta uma forte ruptura biográfica e toda a vida anterior do indivíduo é reinterpretada à luz da realidade presente, confirmada e mantida pela correspondente estrutura de plausibilidade oferecida pela comunidade e seus respectivos aparelhos de conversa e legitimação.

O controle do comportamento é o principal mecanismo produtor e legitimador da realidade objetiva e subjetiva do mundo social em *Walden II*. Realiza-se pela estimulação e reforçamento voltados à modelagem e manutenção de respostas operantes desejáveis, cuja emissão deve ser o máximo possível alheia à ameaça de punição ou à submissão a autoridades repressoras. Assim, as crianças não se tornam obedientes por medo de perder o afeto parental – este conflito característico da família moderna ou família nuclear burguesa, caracterizada pela instauração da autoridade e do poder paterno sobre os filhos, cuja estrutura psíquica expressa o dilema emocional entre amorosidade, desejo, culpa, medo e submissão⁵, dito em outras palavras, o funcionamento familiar é centrado no binômio autoridade/amor (poder/afeto).

A socialização em *Walden II* e as respostas comportamentais das crianças, que as modelam como autênticos membros daquela sociedade, resultam de agências e práticas controladoras, cientificamente fundamentadas e experimentadas, em que a frequência e manutenção de tais respostas são alcançadas pelo emprego do reforço positivo. O próprio treino do autocontrole ocorre de acordo com mecanismos exclusivos de compensação (recompensa) embasados pelos princípios do behaviorismo radical.

3 CONTROLE E IDEOLOGIA: DO CENTRO DA FAMÍLIA MODERNA AO BERÇO PROGRAMADO

A noção de infância, o lugar da criança na família e na sociedade assim como as próprias estruturas familiares são construções históricas e socioculturais como nos mostram, segundo diferentes abordagens, Philippe Áries⁶ e José Roberto Tozoni Reis⁵. O primeiro traça uma descrição histórica da transformação social da família e da criança ocorrida no período de transição da sociedade ocidental medieval à moderna, partindo de fontes documentais como a literatura e a iconografia. O segundo, orientado pelo materialismo histórico dialético e pela psicanálise (embora não exclusivamente por eles), elabora uma análise crítica da família nuclear burguesa diferenciando-a em sua estrutura tanto das famílias aristocrática e camponesa situadas no contexto histórico anterior ao capitalismo, quanto da família proletária, assim como ela, constituída neste último. Os textos apontam como a criança vai ocupando um lugar cada vez mais central na vida familiar tanto como objeto de afeto quanto de uma formação educacional e moral, histórica e socialmente informada.

O modelo familiar burguês, cujo cerne é ocupado pela criança, tem como base uma estrutura psicoafetiva centrada no conflito entre amor e submissão à autoridade parental, notadamente a paterna⁵. Em *Walden II*, a família não compartilha mais do que as demais instituições da função ideológica de produção e reprodução da ordem social⁵, não é, portanto, a instituição privilegiada da socialização primária, que compreende a formação da primeira identidade social do indivíduo através da mediação entre ele e a sociedade, ensinando-o a perceber o mundo e a situar-se nele, e, como as demais instituições, a família não é investida da função repressiva combinada às estratégias de naturalização e manutenção das relações de poder e dominação estabelecidas dentro e fora dela.

Na aldeia utópica, embora o casamento conserve as relações monogâmicas heteronormativas, a estrutura familiar, enquanto instituição que se constitui e se modifica historicamente de acordo com os contextos e processos socioculturais específicos nos quais se insere, sofre um novo arranjo, cuja base é a própria estrutura de sociabilidade daquela comunidade, diferenciando-se, portanto, do modelo da família moderna (família nuclear burguesa, característica da sociedade capitalista). Isto se nota desde os cuidados e afetos dedicados igualmente aos filhos (os quais não compõem mais o centro gravitacional da vida dos pais) e aos seus colegas. Vemos, assim, uma alteração do lugar ocupado pela criança, que se desloca do centro da família moderna ao berço programado e à educação compartilhada, da unidade afetiva à afetividade solidária.

Podemos notar esse novo arranjo familiar observando também os seguintes fatos: a) não existe em *Walden II* propriedade de bens ou lucros privados, o que afastaria, em alguma medida, o sentimento de propriedade sobre os filhos e a/o esposa/marido; b) a competição entre os indivíduos é anulada da vida social, assim, como a inveja e o ciúme; c) o controle sobre o comportamento não se dá por meio de repressão/submissão, mas pelo reforço positivo dos comportamentos desejáveis em acordo com o *Código*.

O estudo de Philippe Ariés⁶ permite-nos perceber outra faceta desta relação: a organização do espaço como categoria expressiva da sociabilidade, afetividade e vivência. A casa e a organização da vida doméstica sofrem transformações ao longo da história que acompanham as grandes mudanças nos padrões interacionais dentro e fora da família – há uma ligação entre a formação da intimidade da vida familiar e do sentimento de família e um espaço mínimo que favoreça seu desenvolvimento.

O espaço geográfico testemunha e concretiza não apenas as condições materiais de existência, mas também a dimensão das formas simbólicas da vida social ao ser construído e modificado ontologicamente pelo trabalho humano. Se pouco antes do advento do capitalismo a casa era uma espécie de “multiverso”, onde moravam além da família conjugal somada, eventualmente, a um parente solteiro, um número significativo de agregados (clientela de servidores, amigos, protegidos e visitantes), constituindo-se como espaço de moradia, reunião, trabalho, negócio, comemoração, etc., sob a sociabilidade e moral burguesas, marcadas por uma separação radical entre as dimensões da vida pública e privada, ela (a casa) vai se tornando um somatório de “microuniversos” particulares que, dificilmente, se interpenetram. O lugar destinado ao trabalho e à racionalidade e o local da vida privada e emocional, caracterizada por uma intimidade reservada ao núcleo familiar, são dissociados. Os cômodos da casa, esta atual esfera íntima, sagrada e imaculável, que no século XVII, quando a família sustentava-se como o centro de uma intensa vida social, eram compartilhados e destinados a quaisquer atividades da vida cotidiana, inclusive mobilizados com móveis desmontáveis, passam por um processo de especialização. No século XVIII, a casa moderna divide-se em cômodos independentes e abertos para um corredor de acesso: a sala de jantar, a cozinha, a sala de estar e receber visitas, o quarto do casal, o quarto das crianças, o banheiro social, o banheiro familiar ou distinguido tais quais os quartos e o corredor que permite acessá-los ao mesmo tempo em que torna possível a constituição dos mesmos enquanto unidades isoladas. Esta foi uma das maiores mudanças da vida cotidiana, de acordo com Ariés⁶, a qual correspondeu a uma necessidade nova de isolamento.

Na aldeia *Walden II*, a organização do espaço segue ilustrando a dinâmica implicada na tessitura de suas relações sociais. Conforme assinalado na apresentação da comunidade, quase a totalidade do espaço é de usufruto coletivo, acolhendo as mais diversas interações, sejam elas de formação, trabalho ou lazer. O lugar mais individual é o quarto de dormir, sendo algumas vezes, sobretudo em determinados períodos da vida, compartilhado por dois ou mais membros.

Por mais que a felicidade, a satisfação e o desenvolvimento humano dos habitantes de *Walden II* sejam exaltados por seu idealizador e testemunhados por personagens que aparecem episodicamente na trama, o controle do comportamento e o arranjo dos mecanismos ligados a ele compõem uma “instituição total” que permeia o conjunto das instituições e relações sociais daquela comunidade. Em outras palavras, o controle encontra-se dinamicamente distribuído pelo tecido social e suas instituições, realizando-se através de uma estrutura de poder latente, e, por isso, quase invisível, que se operacionaliza sem o emprego de repressão, uso ou ameaça de uso da força. É deste aspecto que passaremos a nos ocupar agora.

4 CONCLUSÃO

Walden II como sociedade do controle, cujo projeto é antagônico à ordem democrática, seria uma nova versão de sociedade totalitária? A crítica de Anne Ellen Freedman⁷ indica afinidades entre a posição de Frazier/Skinner e o totalitarismo. Partiremos, contudo, de outros elementos para tratar a questão do controle.

A idealização da aldeia como sociedade planejada sustenta o argumento de que os desígnios da ciência do comportamento levariam a humanidade a patamares jamais vistos de felicidade e desenvolvimento humano caracterizados pela ausência de hierarquias de poder e relações de dominação. Todavia, conhecimento e interesse caminham juntos e o campo científico não é neutro desde a escolha de seus objetos ao modo como os trabalha metodologicamente.

A ideologia do planejamento e controle científico do comportamento por meio do emprego de reforço positivo legítima e dissimula, mediante o aval da ciência, a dominação dos que controlam e decidem quais comportamentos devem ser reforçados e modelados sobre os demais indivíduos, e é sustentada por uma pretensa igualdade promovida entre eles: em última instância, os *especialistas* decidem e controlam inclusive as escolhas individuais de todos os outros através do estabelecimento “científico” de relações assimétricas, justificando-as pela estratégia ideológica de universalização dos próprios interesses⁸.

O modelo ideal presente em *Walden II* revela-se, nesse sentido, como uma composição ideológica

coerente que oculta a relação intrínseca entre conhecimento e interesse, onde ciência e técnica podem ser pensadas enquanto ideologia: uma ideologia do controle através do condicionamento do comportamento operante que nega radicalmente a liberdade humana.

REFERÊNCIAS

- [1] Skinner BF. *Walden II: uma sociedade do futuro*. 2. ed. São Paulo: EPU, 1978.
- [2] Skinner BF. *Ciência e comportamento humano*. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- [3] Skinner BF. *Sobre o behaviorismo*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- [4] Berger P, Luckmann TA. *construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- [5] Reis JRT. Família, emoção e ideologia. In: Lane, Silvia T. M.; Codo, Wanderley (orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- [6] Ariés P. Da família medieval à família moderna. In: *A história social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- [7] Freedman AE. *Uma sociedade planejada: uma análise das proposições de Skinner*. São Paulo: EPU, 1976.
- [8] Guareschi PA. Ideologia. In: Jacques, Maria da Graça Corrêa. et. al. (orgs.). *Psicologia Social Contemporânea: livro texto*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ⁱ Veja-se a seguinte passagem: “Nós sacudimos o mundo de muitas maneiras, - disse Frazier, sem sorrir. Mas a façanha não vem ao acaso. O ponto principal é que nós estimulamos nossa gente a olhar cada hábito e costume tendo em vista um possível aperfeiçoamento. Uma atitude constantemente experimental em relação a tudo – é disso que precisamos. Soluções para problemas de todo tipo se seguem quase que milagrosamente”¹(p.31).

ⁱⁱ A punição não é o oposto da recompensa e alguns de seus subprodutos indesejáveis são: *conflito perturbador entre a resposta que leva à punição e a resposta que a evita; evocação de reflexos característicos de medo, ansiedade e outras emoções e controle operante de um comportamento involuntário quando um comportamento reflexo (como, por exemplo, chorar) é punido*² (p. 208-209).